

## Assentado no barril

Francisco Szermeta (*Xiko, o poeta de Osasco*)

Contrastando o firmamento  
da paz aparente  
a notícia espalha

Um mar de gente  
a ziguezaguear  
perambular  
embandeirar

Terra para plantar  
terra para trabalhar  
terra para dignificar

Andarilho  
ambulante com fome  
matuto dos cafundós

Resguardar na fé  
no ideal  
plantando, semeando  
o louco desejo  
de ver sua  
a terra bruta, nua

Aparece o fantasma,  
da ópera bufa  
um soneto a zumbizar

Terra, distribuição  
história, violência  
conflito, sangue  
agrária, inglória

Reconditamente  
barões fundiários  
primitivos coronéis

Armados até os dentes  
trazem a tira colo  
jagunços, *gangsters*  
matadores de aluguel  
tocaia a granel  
real motivo  
a defesa do latifúndio

Meliantes, claudicantes  
melífluos, esdrúxulos  
mediante incêndio funesto  
conchavado até o pescoço  
corteja a elite  
que o endossa  
divertem-se com a comédia  
barril de pólvora no campo

Novo capítulo  
mais um comparsa  
chacina ali  
trucidamento lá  
massacre acolá

Foi a polícia  
sim...  
mas mando do governador

Destruam as provas  
arquivem os processos  
compre na esquina  
uma pizza grande  
facínoras imunes  
guardiões da ilegalidade

Uma massa gigantesca  
brava gente brasileira  
movimentando  
O Movimento Sem Terra

Incessante  
fogo cruzado  
escudo humano  
peito aberto  
tiroteio cerrado  
linha de frente

Desmascarando o manto  
que cobre  
as salvaguardas  
da nata  
que mata  
o encanto onírico  
do recanto telúrico

Último ato

A burguesia  
troglodita

involutiva  
arrogante

Heureca!

O caminho da reconstrução  
partilhar a riqueza  
repartir o bolo  
dividir o poder  
inclusive das terras

O povo da terra  
não quer guerra  
Viva!

O Movimento Sem Terra.